

A black and white photograph of the Petrópolis City Gate monument at night. The monument features a large triangular pediment with a smaller triangle inside. Below the pediment, the words "PETRÓPOLIS CIDADE IMPERIAL" are inscribed. The scene is illuminated by bright streetlights, creating a high-contrast, slightly overexposed effect. A car is visible in the distance under the archway.

PETRÓPOLIS CIDADE IMPERIAL

PETRÓPOLIS NUNCA MAIS
redson vitorino

Aos tolos que caíram...
E aos poucos...
Aos poucos que ainda restam...
Prende-se o ar, mesmo a alma tão gasta
Prende-se...
Mesmo a alma tão gasta...
PRENDE-SE!
Hinos de derrotas entoados em massa
Quando as orelhas ainda eram virgens
Prende-se a essência
Mas a inspiração espalha
Você imagina uma cidade cinza
Mas a tenho nos olhos ao acordar
Edaz das minhas crenças como o calor materno
Dando-me pouco...
Mas não se pode ter o pouco em mãos
Escorre...
Levanta...
ENCOBRE...

("A Prosa da Cidade Cinza")

Com instinto animal
uma pseudo cópula
De dentadas cubro o pescoço
salivando, querendo ser mais
Ofegante, é linda
ardendo até as tripas!

Dentes de leite me chupam até me deixar roxo
eu, quase infectado
A mão que de cima para baixo exige o melhor de mim
ponho-me a ser deus para ela
Sussurra meu nome enquanto mato o melhor de mim
triste noite, aquela que falta

Pegue-me como um deus caído, coberto de saliva
afogado estou em sua garganta
Semi-ejaculado mas ainda famélico

("Estupro Mútuo")

Hei! Não se mexa!
Latiam alto como cachorros
Muro grafitado de negro, um círculo e três traços
Ele correu
Correu
Em vão olhar para trás
Passos em 3D ligeiros no asfalto
O engatilhar das armas enfiado nos ouvidos
O primeiro disparo...
O segundo disparo...
O terceiro...
Do ombro, o sangue saiu quente e abundante
Pregou os olhos num estante, o prazer logo no fim
Mas logo atravessaram todo o corpo
CAÍDO!!!!
Seis em volta dele com cuturnos bem engraxados
Riram alto enquanto a vida partia em borrões
avermelhados
Um tiro na cabeça, fazendo-a em pedaços
Morto...
Morto...
Morto!!!

("Cenas do Paraíso")

Vendo por baixo dos panos
Minha mãe chorando
eu me esquivo
Vendo por baixo dos panos
Meu pai partindo
Vendo por baixo dos panos
eu não derramo
Partindo e morrendo...
Cenas que acontecem
Cenas que eu pouco vi

Vendo por baixo dos panos
Um começo exalado
eu tendencio opiniões
Vendo por de baixo dos panos
Sobras que voam em vão
Eu não derramo
Partindo e morrendo
Cenas que acontecem
Cenas que eu pouco vi

("Cenas que Pouco Vi")

Todo dia se importando
mesmo que eu não faça
ainda continuo
Até quando?
Preso em terra firme
longe do mar
acima o céu, por vezes cinza
um chamado que por ventura sigo

Nunca mais velhos sujos!
coleccionadores de desencanto
Aprendi o que não queria cedo,
cedo
um pouco... Um pouco
Juntando tudo para não ser todo
Nunca mais velhos sujos!
Só há a lama para encharcar meus
pútridos ossos de vinte anos!
O prazer de tangenciar o abismo
O que me faz andar e a outros cair.

("Serras Infectadas")

Meu pai está morto
Isso não me surpreende
De esqina em esquina
velhos amigos estão sempre lá
Isso não me surpreende
não dou a mínima
Isso não me surpreende...

Sonhos não se fazem sonhinhos
Isso não me surpreende
Mudando diariamente de lugar
velhos amigos com quem ir ou vir
Isso não me surpreende
não dou a mínima
Isso não me surpreende...

De cabeça baixa vejo muitos
Isso não me surpreende
Enterrados em si criando seu próprio mundo
um lugar onde o que é óbvio não há
Isso não me surpreende
não dou a mínima
Isso não me surpreende...

É como persistir no mesmo erro
Falando a mesma ladainha de sempre

("Trivial")

Jogado ao chão sem escolha melhor
Você pode ouvir meu silêncio?
As goteiras do teto tendem a ser mais interessantes...
Quando estão no seu auge!
Você pode ouvi-las caindo no carpete?
desaparecendo quase que de repente...

Estou arrumado a decoração da sala...
de braços cruzados com a sujeira...
A sujeira que me gruda como amigos que faltam...

Do lado de fora ouço os gritos de quem se queima no sol de verão
Janelas fechadas para chatear os de fora...
Dizem: o que há de errado com você?
Mamãe sempre fala: saia e faça amigos!
por hoje eu nem me importo tanto

Eu fui puxado para fora
O sangue escorria em mim!
semente mal palntada...
Na primavera nasce

("Tenra Idade Suicida")

Quando na sarjeta meu corpo inerte estiver
Atrairá os olhares hipócritas de quem aguardava o fim
Serei carregado acima das verdades de quem pode ver
Brandem meu algozes! Panfletem enquanto andam sobre mim!
Esotu agora ao alcance de quem nunca vejo
De quem se acovada e esconde seus medos

Enquanto tive amor materno fiz questão de aproveitá-lo
Suguei o que pude, o que me era de direito
De olhos fechados aprende-se a enxergar melhor
Vê seu pai nadando em um rio de disel numa noite de outono
Risca-se um fósforo e observe o rio queimar contra a noite
As cinzas do amor-paterno recobrem um primavera cínica

Não é de se espantar que hoje ele não esteja aqui
Vendo o coroação de seu primogênito
Fui conduzido ao Hall da Impopularidade
Amanhã visto minha melhor roupa
Estarei saindo do império caído

("Ode a Petrópolis")

Morrestes, amigo?
Respiras ainda aliviado em teu lar?
Brindemos agora enquanto começamos a iludir nosso tempo
Estareis vós ainda com as orelhas no lugar?
Te retiras do teu berço pois não é mais criança
saia e veja o mundo morrendo em teus olhos
Advirto-te para não usares máscaras
vejo o cortejo que se segue sem sair do lugar, meu amigo
Embebido jaz em teu túmulo sem ninguém a derramar lágrimas
Vós esperastes o primeiro punhado de terra cair
não te faças de entendido ainda
Teu sangue corre quente com lava
Veja que aqui há outros que ainda dançam suas desventuras
Vós batestes em teu deus ontem à noite
Caminhaste lado a lado com satã
crenças não preenchem as vacuidades da vida, meu amigo
irei embora para encontrar novamente minha razão
Culmina tua lucidez quando o dia amanhecer
no meio de um dia estarei de volta, meu velho amigo
desatando os nós que ainda restam
Morrestes, amigo?
Respiras ainda em teu lar?
Brindemos agora, pois nosso tempo está entregue às traças
Estareis vós ainda com as orelhas no lugar?
Te retiras do teu berço pois não é mais criança

("Encenação a Rei")

Além das planícies circuncizadas, posso vê-la em instantes
Um céu em azul artificial posto em camadas, onde tudo que saiba estará em breve morto
fechando os olhos e arrancando-os quando der
Deitado no chão ermo, calmo vazio que flutua sem exitar
Mas há quem se dignifique olhar de baixo para cima
É, João, o que fazemos será em vão?
Velhos círculos que voltas dão?

("Planícies Circuncizadas")

sou findado ao esquecimento
persuasivo no tempo que te faz calar
estamos fora do acaso
dentro de um vazio preenchido
agora tento a sorte
porque o azar já me é certo

o sol é nosso segundo útero
nos expele quando olhamos
somos frutos podres no pomar da igreja
regados com hipocrisia e adubados com
incoerência
fingiremos acreditar no azar
porque no fim já demos sorte

("Desconhecido")

Perambulando sob a densa névoa,
O pântano
Dilacerado pelos olhos dos animais
Que me espreitam em linha reta
Erguidos punhais prontos a golpear...
O estranho sou eu???
Ouve-se um ritmo caótico...
Vindo de onde???
Da esquerda, as vozes são táticas
Ejaculam ácido nos ouvidos mais pueris
Acima e abaixo vejo meus algozes
esperando em vão que eu me curve perante eles
O decapitado segue sem deus
Olhando para dentro de si.....

("Devaneio")

Nascendo errado e tentando o certo fazer
A procura disso e daquilo
Os dedos sempre apontam o alvo que eu não posso ser
FAÇA ISSO! FAÇA AQUILO!

Em cada poço em que me vejo
O fundo dele já conheço
Úmido como um útero
Úmido como um túbulo

É o grito que não sai
É a força que não tem

Sonho com as asas que eu nunca quis.

("Asas Perdidas")

Aquilo que quer usa os seus meios para obter
aos poucos, fala e mostra a que veio
As regras que vieram de berço aprendeu a obedecer
mas a chuva que cai lá fora molha, ensina novos meios
Mamãe ensinou bem
CORRA PARA A ESTAÇÃO! NÃO PERCA O TREM!
divergindo...

O velho da cidade disse como é ir ao abismo, tangenciar o imprevisto
falou como a alma é barata daqueles que omitem os fatos
Era certo que não iria com sua mãe ao paraíso
escravo de seus próprios atos
Mamãe ensinou bem... Mas as lições foram deixadas para trás
Chegou tarde à estação... O trem partiu sem deixar algo a mais
divergindo...

Não há diseres afamados em sua lápide
tomou seu próprio caminho
Alguns acendem velas em respeito à sua sina
caído na margem a favor do rio
divergindo... divergindo...
divergindo... divergindo...
divergindo... divergindo...

("Divergir")

Nenhum lugar me serve tão bem quanto antes
Eu já caí em todas as ciladas
Mas não tive ajuda alguma
Eu fiquei tão gasto que mal consigo pensar

Mais uma vez pagando por algo que não fiz
É sempre assim
Quando se está sujeito a tudo isso
Fica difícil ganhar

Eu já tive o que se pode chamar de lar
Mas já se desfez em lembranças
Mas não adianta remoer o passado
Estou entediado com tudo aqui, nada mais me excita

Mais uma vez pagando por algo que não fiz
É sempre assim
Quando se está sujeito a tudo isso
Fica difícil ganhar

Quando se está sujeito a tudo isso fica difícil ganhar

("Nó D'água")

No caminho que segue, duras lições são aprendidas
A salvação é propagada por quem vale menos por dentro
Aos poucos, muitos são persuadidos por meros parasitas
Atarracados em ternos sutis bem ao centro
Força divina? Sem chance ao velho aprendiz!

Seus propósitos são meras palavras vazias
Mais verdadeira é a água que pinga da pia
No tempo certo que marca o intervalo
No caminho que segue, olhares hipócritas são dados
Força divina? Sem chance ao velho aprendiz!

Sabe de onde veio e sabe para onde vai.

("Velho Aprendiz")



Redson Vitorino

facebook.com/redsonvitorino